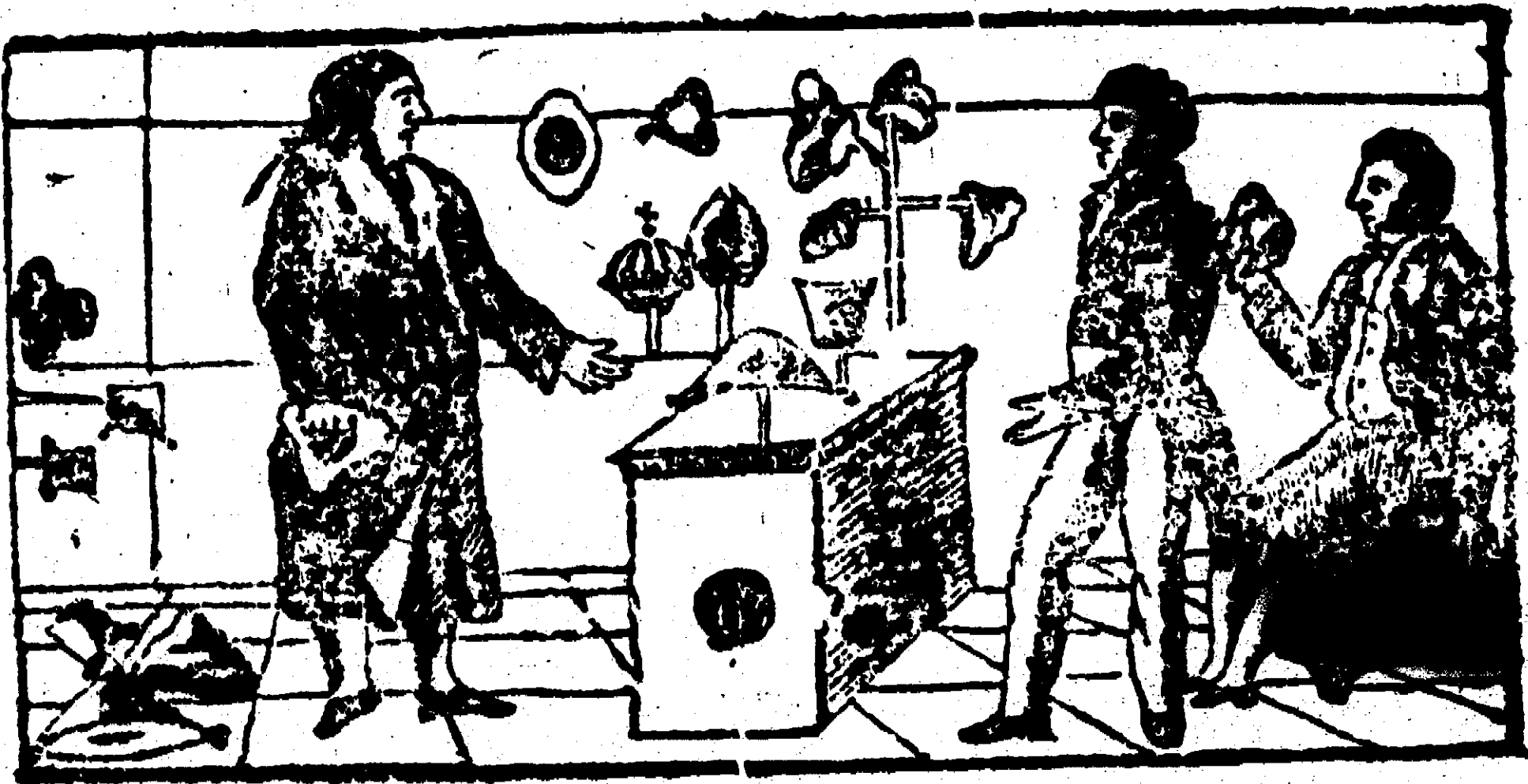


O
CARAPUCEIRO

22 DE OUTUBRO
DE 1839



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Perdere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A soberania das Senhoras.

A que tempos me não dirijo ao bello sexo! Bem boas tregoaas lhe tenho dando, do que muitas, segundo me consta, já hião murmurando, e diziaõ. O Carapuceiro há huns poucos de N.º, que está sem graça; por que só falla em Politicas, e em cousas tão serias, que parece ter composto Sermões de Quaresma: já não falla da gente, já não toca nas modas, já não se emporta com os gamenhos, &c. &c., Não quero pois dar motivo a zangas, não desejo incorrer no desagrado das minhas Illustres Leitoras; e por isso tractarei hoje da Soberania das Senhoras.

Longa, e mui porfiada tem sido em todos os tempos a questãõ da Soberania. Os aduladores dos Reis procuraõ-os endeosar, sustentando, que elles recebiaõ todo o poder immediatamente da Divindade, pelo que eraõ absolutamente independentes de seus povos, não havendo caso algum em que estes os devessem depor: os aduladores do po-

vo querem, que este seja a fonte de todos os poderes, e que tudo lhe he permittido; por que não se conhece jurisdição á cima da sua: mas quer em huns, quer em outros parece-me haver verdade, e haver erro. A Soberania he hum direito, e he hum facto: conciderada do primeiro modo ella não pode ser, se não huma delegação da Divindade; por que sendo todos os homens iguaes em natureza, quem podia dar a huns poder sobre outros, se não o Supremo Auctor da Sociedade, que quer, que esta subsista, e prospere? Do segundo modo conciderada não há duvida, que a Soberania sempre pertenceo, e pertencerá as Nações; para prova do que ahi estaõ os Fastos do genero humano, sem exceptuarmos a mesma Historia do Povo de Deos. Sempre as Nações escolherãõ os seus Imperantes, sempre mudãõ de Dinastias, sempre mudãõ as formas de Governo segundo as necessidades, as conquistas e outras innumeraveis circumstancias: pelo que he

digno de desprezo, ou de rizo o systema de hum tal Abbade Toret, que se propoz a sustentar huma embrulhada de Pais universaes de povos, e que todos os Governos recebem a auctoridade dos Instituidores dos Povos, &c., engrimaço, que nem o mesmo auctor pode entender, e estar de boa fé.

Tomada a Soberania como hum direito he, que a Escripura Sagrada diz — *Omnis potestas a Deo*, &c. &c. sem ser preciso recorrer a subtilezas methaphizicas. Mas deixemos esta materia já sediça, e vamos ao meu assumpto, que he a Soberania das Senhoras. Queixão-se estas amargamente da sua sorte por se verem privadas dos direitos politicos, attribuindo isto á injustiça dos homens; por que com que direito (dizem ellas) foraõ excluidas as mulheres de ser Eleitoras, Deputadas, Senadoras, &c. &c. Accaso não fallão ellas, e muito, e por qual quer cousa? Algumas não tem tanta prespicacia, tanta penetração, tanto talento Quem he capaz de fazer tão delicados, e emaranhados labyrinths, não poderá discutir hum ponto entrincado de Direito? Quem urde tão lindas rendas, não saberá formar a teia d'huma caballe? Quem he tão destra em arrumar hum babu, não arranjará hum projecto? Quem se mostra tão intelligente em acalantar, e engolozinar crianças, não servirá para contentar, e embair os povos?

Estas, e outras muitas razões alegão as senhoras em seu favor: mas attendão-me, e veraõ, que ellas de facto são mais bem aquinhoadas, que os homens. He triste sem duvida a condiçaõ da mulher entre os selvagens, a ponto de que em alguns paizes quando a mulher dá á luz, o marido he, que se mette na cama, recebe as visitas, &c., e a misera companheira carrega com todo o serviço, e trabalho. Ali os homens são huns madraços, em tanto que as pobres mulheres são reduzidas ao mais

apertado captiveiro. Antes da vinda de Jesu Christo, antes que o Evangelho derramasse a sua luz regeneradora pelas Nações, que jaziaõ nas sombras da morte, o que eraõ as mulheres, ainda entre os povos mais cultos da Europa? Entre os Gregos os maiores Philosophos diziaõ, que a mulher era mero instrumento de prazer, meio de perpetuar a população, e nada mais. Aristoteles tracta-as com o ultimo desprezo, e chega a louvar a Hesiodo por haver dicto, que a primeira familia foi composta „ *da mulher, e do boi; animaes proprios para a lavoura*. Plataõ só as tinha por aptas para a concupiscencia, para a propagação da especie, e por isso em sua Republica estabeleceo a comunidade dellas. Sofocles, e Antisthenes, como poetas, encherão-as dos mais despreziveis apodos.

Quem ignora o que eraõ as mulheres entre os Romanos? Basta dizer, que por algum tempo as leis as consideráraõ cousas, e não pessoas, de maneira que qual quer sujeito, quando enumerava os seus bens, dizia: tenho, por ex. tantas casas, tantos bois, tantos porcos, tantas galinhas, e tantas mulheres (forte desaforo!) Mas depois que o Verbo increado dignou-se d'encarnar no ventre purissimo de Maria, parece, que regenerou a mulher, que a tirou da ignominia, e lhe restituiu os perdidos toros. Ainda mais este titulo tem as mulheres para serem Christãs, e nem de balde a Santa Igreja lhe chama o *divoto sexo feminino*.

Com o Christianismo libertaraõ-se as senhoras, e o seculo da Cavallaria chegou a endosallas. As Historias estão cheias das finezas, que se faziaõ ao bello sexo. De huns para outros Reinos divagavaõ innumerous Quixotes desagravando injurias, provocando desafios em defeza da formosura da sua dama, que algumas ás vezes nunca viraõ, nem conheceraõ: nas justas, e torneios eraõ as senhoras, que distribuiraõ a

gloria, e offender a huma Senhora era crime capital no código da Cavallaria andante. Os Trovadores invidavaõ todos os esforços da Musa, por elogiar as suas amadas. Para amostra do panno bastaõ as seguintes estrofes, huma da Canção de Egas Moniz Coelho despedindo-se de D. Violante, Dama d'honor da Rainha D. Mafalda.

„ Fincaredes vos em bora
 Tam coitada,
 Que ei boyme por ahi fora
 De longada.
 Sai-se o vulto de mei corpo
 Mas ei non,
 Cá ós cocos vos fica morto
 O' coração
 Se me vos a mi leixardes,
 Deis me garde,
 Non as meys vos de queimardes
 Isto que arde.
 Hora non leixedes non
 Cá sois garrida,
 E se non Cristeleison
 Per minha vida,

No Reinado de D. Sancho 1.º pelos annos de 1211 Gonçalo Hermiguez assim galanteava a sua esposa Ourana

„ Tinhe rabos, non tinhe rabos
 Tal a tal ca monte?
 Tinharedesme, non tinharedesme,
 De lá vinharedes, de ca filharedes,
 Cá amabia tudo em soma.
 „ Per mil goyvos trebellhando
 Oy oy vos lumbrego
 Algorem se cada folgança
 Asney eu: per que do terreno
 Non há hi tal percheço. „
 Ourana, Ourana oytem per certo
 Que inha vida do viver, „ &c.

Bons tempos! Hoje mal percebemos o sentido d'huma, ou d'outra palavra destas trovas; mas elles, e ellas lá se entendiaõ muito bem, e talvez fossem amantes mais derretidos, do que os

nossos d'hoje, que amaõ por equações por calculo integral, e differencial.

Que importa, que as senhoras não governem a Republica, se governaõ os corações dos homens? Que importa, não mandem ostensivamente, se o seu imperio, se a sua soberania estaõ assentados na vontade dos que administraõ o Estado?) Ah! quantos, e quam importantes negocios não são decedidos pelo *sic volo, sic jubeo* de huma beldade, que não admitte replica! Quantas sedutoras Laïs, quantas Aspazias, e Phrynes não tem despachado Embaixadores, Ministros, Governadores, Generaes, e até Bispos! Quantas tenças, quantas pensões cahiriaõ no Corpo Legislativo, se não fora o serem apadriñadas por taes, e taes Senhoras, a quem hum pobre Legislador não pode resistir, por maiores que sejaõ as suas fumaradas de Catonismo.

Os Representantes da Nação e os Agentes do Poder Executivo, ou são casados, ou solteiros, ou Padres. Se são casados, muitas vezes se veem na dura necessidade de ceder a os rogos labiosos das esposas em favor deste, ou d'aquelle negocio, deste, ou d'aquelle afilhado sob pena de jejuns, e outras mortificações, que devem affligir muito: se são solteiros, muitas vezes são gamenhos professionaes, damejaõ, e requiebraõ a esta, ou aquella Ninfa, e hum aseno da vontade desta he huma lei para o pobre padecente, que não está para sofrer hum redondo desengano, ou o vendaval desfeito d'huns arrufos, que ás vezes tiraõ couro, e cabello. Se são finalmente Padres, tem de ceder á rogativa de huma mãe, d'huma irmã; e se são mais *maviosos* de coração, lá apparece certa *afilhada*, ou *comadre* certa, cujos pedidos são para os bons Ministros do Senhor Alvarás com força de Lei.

Em verdade quem há de animo tão diamantino, que possa resistir a os reiterados pedidos d'huma senhora, cheia d'encantos, e ternuras? Como ha de

hum Deputado mais namorado, que o Macias, que Patriarca, ou João Xavier de Matos dar hum não escabroso a lã yázinha, por quem o misero peccante se desvive, e que lhe pede tão meigamente o seu voto em favor desta, ou d'aquella pretençaõ? E advirta-se, que as senhoras ordinariamente quando pedem, não admittem desculpas, não estão por argumentos, não querem saber de razões: haõ de ser servidas para logo, ou do contrario agastaõ-se, e não há evasãõ, que as accomode. Isto he, que he soberania irresistivel!

São innumeraveis os negocios publicos, que sendo de dia tractados em os Tribunaes, Repartições, e Assembleas, vem a ter o seu *ultimatum* á noite no doce remanso das familias. As esposas entraõ a contas com os esposos; e taes cousas lhes dizem, de taes artimanhas se servem, que os homens embrandecem como a cera, e ellas levaõ ao cabo as suas pretençaõs. O que ha de fazer hum Presidente, hum Desembargador, hum Juiz de Direito, hum Chefe de qualquer Repartiçaõ, se quem lhe pede o despacho, o provimento, a informaçãõ, a sentença he D. Mariquinhas, D. Felicina, D. Chiquinha, D. Felismina, D. Clarinha, D. Aninha, &c. &c., e com hum ar tão carinhoso, que põe tudo doido?

Huma mulher (a Sra. Helena) foi causa da famola guerra de Troia, que durou bons dez annos, e poz em campo os maiores valentões do seu tempo, como fossem; Agamemnon, o velho Nestor, Ulysses, Ajax, Diomedes, Achilles, &c. para vingarem a honra do basbaque Menelao. O Scisma da Inglaterra, que a separou da communhaõ Catholica, teve a sua origem na cega paixãõ do Rei Hensique 8.º pela celebre Anna Bolena; finalmente a liga da perna de huma dama Inglesa, que a descuido lhe cahio, foi apanhada pelo Rei, que a poz em sua farda, dizendo o celebre distico para tapar a boc-

ca a murmuradores -- *Hony soit qui mal-y pense* — infamado seja quem nisto pensar mal: e o mais he, que tal foi a origem da celebre, e mui honorifica ordem da Jarreteira. Quem ignora o que fez D. Pedro pela sua D. Ignez de Castro, a ponto de por ella armar-se contra ElRei seu pai, e pôr todo o Reino em combustãõ?

Por toda a parte se observa a soberania das Senhoras. Em qual quer adjunto, n'huma companhia, n'hum Baile todas as attençaõs, todas as finezas a ellas se dirigem, e até não falta Figuiraõ, que se daria por honrado, e mui feliz, se obtivesse o privilegio de ir calcar a Sra. D. F., a quem arrebatará os delicados sapatinhos no exercicio das quadrill as. Já não fallo das muitas senhoras, que governão os maridos, e os trazem de baixo do freio, e algumas até lhes v o ás ventas para seu ensino. Concluirei dizendo, que nas Senhoras (concideradas em geral) dá-se bastante porção de Soberania de facto, com quanto não a exercço de direito.

VARIEDADE.

Copia fiel de huns Banhos, que forão apregoados em certa Igreja do interior.

Com o favor de Deos, e por amor das más lingoas querem cazarem na facia da Igreja os dous supilicantes oradores macho e femia, que já andavão desencaminhados Cosme da pinguella, e Tereza da mata, que os cujos são filhos de Joanna sem marido, e do Sargento Guierme cotó com sua mulher defunta, que morreo de parto Maria do Rozario todos elles, e ellas patriocas constituçãõ desta Freguezia: e quem souber de alguma *indromina*, que chama-se impedimento de fazer mal a outra mulher, que estava prefeita, como sua mãi, que a pario, venha renunciar ao nosso Reverendo Vigario sobe pena de excomunhaõ danada, como manda o Sagrado Concilio trepentino versos, folha.